

Domingo, 16 de Agosto de 1992

# O verbo fechar e as sombras

JOSÉ SARNEY

**V**ai fechar o Amarelinho. Vai fechar a Escola dos Cegos, fechar o Teatro Gláucio Gil. O Rio cultural continua conjugando o verbo fechar, nessa melancólica e perene destruição daquilo que ele tem de mais importante, de mais Rio, que é a tradição de capital intelectual do país.

A Lei Sarney — que era uma esperança — que abriu tantas casas de espetáculos, de cultura, que incentivou, publicou, estimulou iniciativas e talentos, não existe mais. O país não tinha dinheiro para ajudar as artes e letras, e os artistas — pobres artistas — estavam fraudando a lei.

Como tudo isso está soando como exercício do absurdo, no meio de tantas assombrações e fantasmas!

O espírito do Rio! Essa confluência de culturas regionais que fazia a cidade possuir um pedaço de cada brasileiro, de qualquer lugar. Esse espírito é justamente o que agoniza. O fechamento do Amarelinho nos leva a meditar sobre a cidade “maravilhosa” mesmo, e agora marcada mundialmente pelo estigma da violência. Só lhe resta a cultura do futebol, do carnaval e das praias, assim mesmo agonizante e industrializada. Onde estão os seus cantores, os seus poetas, a sua boemia intelectual, o extraordinário e inconfundível humor carioca?

Tenho a nostalgia dos anos 50, quando vi o Rio pela primeira vez. Era o deslumbramento. O bonde que me apanhava na Gomes Freire e me deixava na Assembléia. O prazer de sentar-me no Bar Avenida, embaixo do velho prédio do hotel e ali ver passar um mundo que hoje é de sombras. Paraíso dos nordestinos de primeira viagem, era ali que se tomava posse do Rio, fincava a cruz do afeto, do amor, da convivência. Cada viagem, depois era uma punhalada. A cada volta, morria uma livraria, as lanchonetes e os bancos invadiam, os lugares tradicionais iam desaparecendo. A cidade passava a ser outra cidade. As pessoas não eram mais encontradas e Antônio Maria retratou isso numa crônica preciosa, na qual, glosando o mote de uma senhora que se queixava que “há 20 anos era procurada pelo marido, mas, ele, há uma semana não a procurava mais”. Pedia conselhos, implorava e suplicava que a socorressem.

Antônio Maria lhe recomendava: “Agradeça a Santo Antônio os 20 anos que foi procurada. Tem milhões de mulheres que não foram procuradas em único dia!” E acrescentava: “Pior sou eu, que procuro o Fernando Sabino há três dias, no Jucas’s Bar, e não o encontro. Por outros motivos, é bem verdade!...”

Com dói ler que o Amarelinho vai fechar. Lembrar que fechou a Brasileira, freqüentada por Procópio Ferreira, Jaime Costa, Eva Todor e toda gente de teatro. Gago Coutinho ali parava para o chá, o café. Ali, depois, instalou-se a livraria Villot e no prédio, cuja entrada era na Alvaro Alvim 24, Graça Aranha escreveu a “Viagem maravilhosa”. Hoje é uma agência bancária. E o Vermelhinho? O Bar da ABI? O salão de bilhar/francês, freqüentado por Villalobos, Paulo Magalhães e tantos jornalistas. As livrarias que desapareceram? Civilização, Livros de Portugal, Casa do Livro, São José? Os restaurantes Alvadia e o Rosas? O Tim-Tim por Tim-Tim, na Rua do Lavradio. Quantas vezes ali almoçamos com Osório Borba e Afonso Arinos. O Marialva, defronte do “Correio da Manhã”.

As uisquerias e botequins. Podia-se ver lá os que faziam notícias e as glórias do país. Era o Rio que depois se derramava no espírito da cidade. O Vilarinho. O Fernando Lobo nos lembra: lá a parede era, coberta de autógrafos e desenhos. Neruda, lembro-me bem que aí estava. Depois, acharam que era sujeira, pintaram, apagaram tudo. Lembro-me que, um dia, eu ali estava com Odilo e Di Cavalcanti. Falou-se de Carlos Lacerda, Di sentenciou:

— O Carlos não pode ir a enterro porque quer sempre ser o alvo das homenagens...

No dia seguinte, o “Rondó”, do Hernando Alves, no JB, registrava a piada mordaz. Fora eu o inconfidente.

O Juca’s Bar, no Hotel Embaixador, na Rua Senador Dantas, preferido pelos intelectuais mineiros, hoje cariocas e sobrenomes nacionais.

Há muito tempo não ando por aquelas bandas. Há um tempo eterno em nossas lembranças daquelas sombras, daquele Rio. Hoje, nem mais uma fotografia. Ele está morto e, agora, vai morrer com ele, o Amarelinho, como o Vermelhinho, e todos e tudo porque estamos brancos e corados de vergonha.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.